

# VACINA CONTRA A BESTEIRA

*Autor: Arievaldo Viana*

Lúcifer mais Satanás  
Se encontravam numa mesa  
Bolando um plano terrível  
Cheio de mal e torpeza:  
Criar um bicho nojento  
Para atrasar a pobreza.

Juntaram a brutalidade  
De um soldado de polícia  
O azar de um caipora  
(Conforme li na notícia);  
A língua de uma sogra  
E da mulher a malícia.

A catanga de um gambá  
A ganância de um banqueiro  
Demagogia de um político  
Embuste de um feiticeiro  
A lábia de um pastor  
D'uma seita do estrangeiro.

A baba de um cachaceiro  
A lepra de um chagado  
Raspa de chifre de corno  
A corda de um enforcado

Com isso fizeram um bicho  
Horrendo, feio e azarado.

Puseram a consciência  
De um velho contrabandista  
O olhar de um maconheiro  
As mãos de um vigarista,  
Depois do bicho formado  
A ele deram uma lista.

Só com o nome de pobres  
A quem devia azarar  
No rastro desses coitados  
O bicho devia andar  
Atrasando suas vidas  
Sem jamais se descuidar.

O tal bicho obediente  
Levou a coisa a capricho  
Grudou no rastro dos pobres  
Pior do que carrapicho  
Por isso é que o povo diz:  
Atrás do pobre, anda um bicho!

Dona Maria Maguinha  
Era a primeira da lista  
Essa velha sofredora  
Foi quem me deu toda pista  
Contou-me a história do bicho

De uma forma pessimista.

Ela disse: - “seu” Ari  
Não é conversa fiada,  
Eu sou vítima desse bicho  
Desde quando fui gerada  
Pobre só vai para frente  
Quando leva uma topada!

Acordo de madrugada,  
Quase não tenho sossego  
Pego dois ônibus lotados  
Sujeita a todo chamego  
Pra não chegar atrasada  
Na peste do meu emprego.

Levo mais uma marmita  
Com ovo mal cozinhado  
Uma farofinha azeda  
E um feijão requentado,  
Pois o almoço da firma  
No salário é descontado.

Com todo esse sofrimento  
Teve mais uma mutreta  
Me acredite que outro dia  
Ao passar na borboleta  
A peste de um soldado  
Chegou fazendo careta.

Me deu um grande empurrão

Minha marmita caiu

Foi ovo pra todo lado

E a farofa sumiu

E a peste do soldado

Com isto ainda sorriu.

Porém a minha vingança

Chegou depressa, a cavalo,

Comprei um quilo de pregos

Com o intuito de pegá-lo

Coloquei sobre a cadeira

E fiquei a esperá-lo.

Fingia andar distraída

Quando o malvado chegou

Nem sequer pediu licença

Na cadeira se sentou

Bem em cima das tachinhas,

Alguém ainda avisou:

- Tenha cuidado com os ovos!

Não sente aí, camarada...

O bicho era ignorante

E não quis saber de nada,

Pensando em fazer o mal

Quase acabou a ninhada.

Devido a essa embrulhada  
Ele ficou me marcando  
Todo dia nesse ônibus  
O peste vem me insultando  
Com certeza ele é o bicho  
Que vive me atrasando.

Esse bicho atrai doença  
Caé, peitica e azar,  
Só quem confia em Jesus  
É que pode se livrar,  
Pois quando esse bicho encarna  
É duro pra despregar.

Um agricultor me disse  
Que viveu nessa enxovia  
Pois quando ele plantava  
Nesse ano não chovia  
Se chovesse não vingava  
Se vingasse, não colhia.

Se colhia alguma coisa  
Lá vinha o atravessador  
E comprava a produção  
Por um minguado valor...  
(Quem vive de agricultura  
Nunca acha um protetor).

Cansando dessa peitica

Trepou-se num caminhão  
Foi para o sul do país  
Trabalhar na construção  
Despencou de um andaime  
Desmantelou uma mão.

Inventou de trabalhar  
No ramo de ambulante  
Porém, como camelô  
Não pôde ir adiante  
O rapa confiscou tudo  
E lhe deixou mendicante.

Preso por vadiação  
Levou uma surra de peia  
Depois de muito sofrer  
Pôde fugir da cadeia  
Mas só come quando ataca  
A propriedade alheia.

É ladrão, porém o bicho  
Não deixa de o perseguir,  
E ele não sabe mais  
Para onde deve ir  
O bicho é a sua sombra  
E não pensa em desistir.

Em dieta de faquir  
Vive esse pobre coitado

Só come uma vez por dia  
E se encontra adoentado  
Fala em voltar pro Nordeste  
E botar mais um roçado...

Quem nasce pra lagartixa  
Não pode ser jacaré  
Quem nasce para ser pulga  
Há ser bicho-de-pé,  
Quem não pode ser pavão  
Tem de morrer caboré.

É medonha a injustiça  
No país que a gente mora  
A exploração domina  
E a justiça não vigora,  
Nós vivemos no lugar  
Que o cão perdeu a espora.

O ladrão engravatado  
É cheio de regalia  
A vida inteira ele rouba  
E não padece um só dia  
Já o ladrão de galinha  
Padece na enxovia.

Dona Maria Maguinha  
É pobre, mas é esperta  
Para driblar esse bicho

Não descansa, vive alerta,  
Botou a boca no mundo  
E eu acho que ela está certa.

Não deixa de batalhar  
O seu pão de cada dia  
Me contou todo seu drama  
E apesar disso sorria...  
O pobre vive sofrendo  
Mas não perde a alegria.

Eis um relato singelo  
Versado todo em cordel  
Adquira um exemplar  
Leia e divulgue a granel  
Deus aos pobres dê a terra  
Onde jorra leite e mel.

Canindé, 18 de outubro de 2003.  
Stanislaw Ponte Preta,  
Grande cronista, nos diz:  
O que atrasa o Brasil  
Tornando o povo infeliz  
É o Festival de Besteira  
Que assola o nosso país.

Formiga acaba uma roça  
Neblina acaba uma feira  
A bomba atômica arrasou



Uma metrópole inteira  
No Brasil não há quem possa  
Dar vencimento à besteira...

A besteira tem crescido  
Numa escala de milhão  
Do Oiapoque ao Chauí  
A besteira é o refrão  
Tomou conta de jornal  
De rádio e televisão.

Após dias de trabalho  
Um pacato cidadão  
Passa o domingo em casa  
E liga a televisão  
Arrisca a ficar doente  
Com as besteiras do Faustão.

E se mudar de canal  
Só encontra papangu  
Em matéria de besteira  
Está bem grosso o angu  
De um lado está o João Kleber  
Do outro lado o Gugu.

As tais duplas breganejas  
Com suas canções melosas  
Com visual “Country Music”  
E letras fantasiosas

Ocupam todos canais  
Nessas tardes tediosas.

Nossa Música Popular  
Está reduzida a pó  
Não sei como alguém suporta  
As tais “bandas de forró”  
Falando no Zé Priquito  
E na Égua Pocotó...

Para uma música tocar  
No rádio ou na TV  
E necessário pagar  
Um tal de Jabaculê  
A mídia é quem fabrica  
Sucessos para você.

Em dez minutos de filme  
Do cinema americano  
Se vê tanta violência  
Que se clama ao soberano  
A vida é coisa banal  
Nesse sistema tirano.

Está bem mal o Brasil  
Mergulhado na besteira  
No lamaçal da política  
No lodo da roubalheira  
É um quadro tão deprimente

Que dá até caganeira.

A besteira é um veneno  
Pior que a estriquinina  
Curar doença tão grave  
Desafia a medicina  
Na cultura popular  
Talvez se ache a vacina.

A defesa da cultura  
É uma necessidade  
Para que o nosso povo  
Não perca a identidade  
Se afirme como nação  
A atinja a prosperidade.

Somente valorizando  
A popular tradição  
O reisado, a cantoria.  
Xote, xaxado e baião.  
Pode-se achar um caminho  
No rumo da salvação.

O folheto de cordel  
O coco de embolada  
A nossa xilogravura  
Que na madeira é talhada  
Também são ingredientes  
Dessa vacina sagrada.

O teatro de Ariano  
A música de Gonzagão  
Xaxado e outras cantigas  
Dos cabras de Lampião  
Podem curar a besteira  
Que assola nossa nação.

O trovador do Rio Grande  
Com sua gaita fagueira  
Cavalhadas de Goiás  
E uma ciranda praieira  
São remédios eficazes  
Para se curar a besteira.

O frevo, o maracatu.  
E o samba de raiz  
São reflexos da cultura  
De um povo bom e feliz  
Basta beber dessa fonte  
E zelar essa matriz.

O calango, o tatu-bola.  
E a embolada mineira  
As estórias encantadas  
Dos folhetinhos de feira  
São excelentes vacinas  
Pra se curar a besteira.

A cultura popular  
Não tem contra-indicação  
Contém nacionalismo  
E doses de tradição  
Tem vários ingredientes  
Que vitalizam a nação.

Pois esse lixo enlatado  
Da cultura ocidental  
Que nós somos obrigados  
Consumir, por bem ou mal.  
Só pode ser combatido  
Se usarmos nosso arsenal.

Uma bomba de forró  
Do legítimo “pé-de-serra”  
Um torpedo de repente  
Faz estremecer a terra  
Vamos usar a cultura  
Para vencer essa guerra.

Dominar, esse é o lema.  
Dos povos conquistadores  
Escravizar os mais fracos  
Subtrair seus valores...  
Negar a nossa cultura  
É a marca dos opressores.

Neste século vinte e um

A besteira anda a mil  
E reina de ponta a ponta  
Sob um céu azul anil;  
Educação e cultura  
Podem salvar o Brasil...

Um Brasil nacional  
Um Brasil bem Brasileiro  
De Mãe Preta e Pai João  
Samba de roda e terreiro  
Cordel, repente e canção.  
Na viola e no pandeiro.

Um Brasil verde-amarelo  
Que ame a literatura  
Unindo todas as raças  
Nessa perfeita mistura  
Tal e qual baião-de-dois  
Com jabá e rapadura.

Meu Brasil de Noel Rosa  
De Catulo da Paixão  
De Zé da Luz, Patativa,  
De Oliveiros, Roldão:  
Dois mitos reencarnados  
Nos folguedos do sertão!

Pátria do Amigo-da-Onça  
Da Graúna de Henfil

Do Barão de Itararé  
De Pererê e outros mil  
Personagens populares  
Da cultura do Brasil.

Brasil de Leandro Gomes  
De Barros, grande poeta  
Um menestrel sertanejo  
De pena sábia e correta  
Juntando esses valores  
Tenho a vacina completa!

Lancei aqui o meu brado  
Bati mais do que marreta  
Pois não sou com o sagüi  
Para morrer de careta  
Um viva para o Brasil  
De Stanislaw Ponte Preta.